



Os símbolos do sacramento do batismo: elementos mistagógicos na arte sacra

Symbols of the Sacrament of Baptism: Mystagogical elements in sacred art

Fernandes Elias Júnior

Resumo

A capacidade humana de se comunicar vai além da via oral ou de gestos que constituem uma linguagem própria ou vai se adaptando aos seus meios e ao seu tempo para que as pessoas possam captar, decodificar e assim se comunicar. Tal perfeição neste processo comunicacional se dá ao mesmo tempo pelos símbolos, que uma vez inseridos de forma adequada aos seus respectivos lugares e espaços, podem eles transmitir ao homem um conteúdo ou uma mensagem de ordem, de advertência, de segurança e ao mesmo tempo evangelizar. Por isso, ao analisar algumas obras do artista sacro Cláudio Pastro, nota-se que além de comunicar, ele por meio de sua arte transmite um sinal do sagrado por intermédio de seus traços que são advento de estudos e reflexões da patrística que se propagam nas igrejas pós-conciliar. O presente trabalho tem como objetivo trazer uma reflexão acerca do trabalho sacro e teológico do artista Cláudio Pastro e a inserção da arte sacra dentro do espaço litúrgico que compõem o batistério como meio mistagógico para aqueles que adentram a fé cristã católica.

Palavras-chave: Mistagogia. Cláudio Pastro. Arte sacra. Espaço litúrgico.

Abstract

The human ability to communicate goes beyond speaking route or gestures that constitute a language of its own or it adapts to its means and time so that people

can capture, decode and thus communicate. Such perfection in this communicational process occurs at the through the symbols, which, once properly result in their respective places and spaces, can transmit to man a content or a message of order, warning, safety and at the same time evangelizing. Therefore, when analyzing some works by the sacred artist Cláudio Pastro, it is noted that in addition to communicating he, through his art, transmits a sign of the sacred through his traits that are the advent of studies and reflections of the patristic that propagate in the post-conciliar churches. The present work aims to bring a reflection on the sacred and theological work of the artist Cláudio Pastro and the insertion of sacred art within the liturgical space that make up the baptistery as a mystagogical mean for those who enter the Catholic Christian faith.

Keywords: Mystagogy. Cláudio Pastro. Sacred art. Liturgical space.

Introdução

A relação entre o símbolo e o seu significado tem uma grande influência quando se propõe uma comunicação simbólica para que o receptor possa compreender qual a mensagem ou o código ali expresso. No que tange à arte sacra e aos seus objetivos de transmitir uma verdade de fé pelos seus símbolos, têm que primeiramente passar ao interlocutor uma mensagem de beleza ou estranhamento e, com o tempo, sob a exposição de tal código, a mente começa a buscar referências para que a decodificação possa ter um efeito de paz, quando se torna compreendida, embora, muitas vezes, o símbolo¹ acabe dando margem para outras relações.

Neste aspecto, as relações ali requeridas partem muito de quem observa e, por mais que o símbolo esteja inserido em um conjunto de outros símbolos, a mente, por meio do olhar, sempre consegue captar a essência primordial, o símbolo primeiro e, a partir dele, todo o conjunto ou o planejamento pictórico, ou escultórico é explicado ou decodificado. Essa é uma análise bem superficial e propedêutica de quem se dedica à pesquisa dos símbolos dentro da arte sacra e dos espaços celebrativo que servem de caminhos para o sagrado.

¹ “Quando se diz que algo é simbólico, pensamos logo que é irreal, fantástico. Mas símbolo não é isto. Símbolo é o encontro de duas realidades numa só, símbolo é a presença da mesma realidade em outra forma. (...) Símbolo pode ser um objeto, um elemento, um movimento, uma expressão corporal, onde o que vale não é mais aquilo que é em si, mas o que exprime, o que significa”. BECKHÄUSER, A., Símbolos Litúrgicos, p. 7.

Para tal caminho, é necessário refletir um pouco sobre a comunidade dos cristãos primitivos devido ao fato de que eles tinham um modo de se relacionar que incomodava as autoridades e, em contrapartida, davam testemunhos de vida e de santidade. Por isso, é fundamental ter esse inicial para que os símbolos possam adentrar e fazer as devidas relações para que a graça e o entendimento possam ser aperfeiçoados. E este itinerário catecumenal tem como proposta ao catecúmeno o seu ingresso na Igreja por intermédio de ritos, sejam eles de purificação ou de iluminação, para que o batismo seja de fato concretizado e, ao mesmo tempo, ocorra a sua inserção no seio da comunidade eclesial.²

Apesar deste artigo se tratar de apresentar os símbolos que são inseridos ao mistério do sacramento do batismo, colocando em evidência ora o símbolo, ora o significado e ora a beleza, não cabe ao autor esgotar tal assunto relevante e, ao mesmo, pode-se notar pelas relações a importância do caminho mistagógico e de suas etapas. Os apontamentos propostos têm como objetivo demonstrar que, por meio de um símbolo, é necessário ter pessoas capazes de relacionar tantas significações e certezas de que possam fazer da mera observação um caminho rumo à santidade e à salvação, sem perder a beleza, a harmonia e o equilíbrio entre a arte e a fé.

Dito isso, outro aspecto a ser ressaltado neste artigo é o conceito teológico e mistagógico que o artista Cláudio Pastro apresentava em seus trabalhos de arte e nas suas reflexões. A sua presença enquanto artista sacro permitiu novas perspectivas e reflexões sobre o símbolo e seu valor simbólico e, enquanto teólogo, é nítido perceber que a sua catequese era inserida no espaço litúrgico, no qual se prendia não somente às significações ou às representações sacras, pois ele se detinha em trazer o essencial, isto é, trazer ao centro de nossa caminhada de fé o desejo de fazer o encontro com a beleza e, ao mesmo tempo, de introduzir todos à enculturação.

As discussões entre arte e liturgia, beleza e verdade permeiam os seus trabalhos e as suas caminhadas de cristão autêntico, de um artista que soube fazer dos elementos naturais o matiz do sacro sob o prisma da patrística e a inserção do Vaticano II no aspecto litúrgico. Cláudio Pastro possui obras difundidas em igrejas, painéis e artigos religiosos, no qual sua figura é marcada pela beleza do invisível que se torna visível como, por exemplo, a sua

² “O caminho da vida é este: Em primeiro lugar, ame a Deus, que criou você. Em segundo lugar, ame o seu próximo como a si mesmo. Não faça a outro nada daquilo que você não quer que façam a você. O ensinamento que deriva dessas palavras é o seguinte: Bendigam aqueles que o amaldiçoam e rezem por seus inimigos, e ainda jejuem por aqueles que os perseguem. Com efeito, se vocês amam aqueles que os amam, que graça vocês merecem? Os pagãos não fazem o mesmo? Quanto a vocês, amem aqueles que o odeiam, e vocês não terão nenhum inimigo. DIDAQUÉ, p. 7-8.

participação do trabalho mistagógico da Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida, o lugar do encontro de romeiros, de pessoas de fé, as quais são feridas pela beleza do intangível e invisível que, ao se encarnar, tornou-se parte e presença da bondade, da verdade e do belo, o sumo bem que nos permite retornar a Sua imagem e semelhança.

1. Os elementos simbólicos

Os elementos simbólicos que se encontram dentro dos ambientes religiosos possuem, além da beleza, aspectos intrinsecamente carregados de símbolos e suas simbologias, e isso tem um fator importante para os neófitos e para os catecúmenos, uma vez que são estes elementos pictóricos ou escultóricos que trazem o transcendente para uma realidade material e tangível. Esses elementos são necessários para que haja uma verdadeira comunicação e, ao mesmo tempo, podem trazer um sentimento capaz de saciar a necessidade da verdade e da beleza.

A estrutura disposta por esses elementos tem um planejamento litúrgico, estético e teológico que envolvem cálculos e discussões arquitetônicas e estéticas para que cada pessoa possa ser inserida no mistério. Em momentos, dentro da historicidade da Igreja, a arte sacra ou a arte religiosa contribuíram para a evangelização de muitos por meio dos elementos decorativos artísticos ou arquitetônicos, como, por exemplo, a *Bíblia pauperum*³, entre outras artes impressas em livros eclesiásticos e monásticos.

Na formulação do Papa Gregório, com efeito, a imagem é um substituto da Bíblia para aqueles que não dominam a escrita, os iletrados: a *Bíblia Pauperum*, razão pela qual deve ser acima de tudo didática, pedagógica e retórica; ela deve persuadir, instruir, edificar e elevar; jamais deve ser adorada – a adoração, como estabelece o final da carta – só à “toda poderosa Trindade.”⁴

A forma de analisar essa estrutura artística não depende somente de conhecimento prático ou específico daqueles que se dedicam à arte, pois é necessário que, para compreender cada elemento exposto e evidenciado em

³ “A “Bíblia dos Pobres”, porque ela vai para os vitrais, para a pedra, para a pintura interna, sobretudo, porque as igrejas são fechadas, quase sem janelas. Só no final é que se abrem para o vitral que é o gótico. Mas o fundamental na arte românica é que ela é chamada de *Bíblia Pauperum*”. TOMMASO, W. S. de. O Pantocrator de Claudio Pastro: Importância e atualidade, p. 128-132.

⁴ TOMMASO, W. S. de. Cláudio Pastro: um artista pós Vaticano II, p. 109-138.

uma obra, é preciso adentrar no mundo mistagógico para que não se perca a essência e a mensagem. Desta maneira, para compreender e dar juízo que um cacho de uva não é somente um elemento decorativo, e sim um elemento essencial para representar o Cristo como videira e o povo suas ramas, é necessária uma compreensão bíblica ou religiosa, antes de dizer que a fruta seria apenas uma mera decoração para que o rito pudesse acontecer.

O sentido de sacrifício, rito, culto, como elementos de convite para a participação na vida do sagrado, está-se perdendo no mundo do racional, científico, de consumo e poder. A criatura quer ser a senhora de tudo, da própria vida. Desaparece o Transcendente. Para nós, criaturas, a vida não é complementarmente revelada. Para conhecermos o mínimo do sagrado, precisamos entrar em sua linguagem: o símbolo, o sinal. Impossível ao ser humano determinar o santo.⁵

Por isso, é necessário que o homem tenha acesso à Revelação para que a sua realidade possa transcender e estabelecer um diálogo com Deus, nem que seja por aquele instante do olhar, e ser ferido pelo belo. O ato de ser ferido, como se encontra em alguns trechos deste artigo, refere-se à ação do homem no momento que observa e se deixa ser correspondido por aquela beleza que foge a sua razão e entendimento, mas que é capaz de trazer uma paz e uma segurança, levando-o a entender que isso é necessário para sua vida. E esse instante pode ser conhecido como comoção ou encontro com o sagrado, isto é, o homem tem o direito àquilo que lhe apraz, segundo Pastro: “o direito à beleza é o direito que tem a criatura humana de reproduzir aquilo que ela é: imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,26-27).⁶

Em vista daqueles que procuram se relacionar com o sagrado, é necessário apurar o olhar para o essencial, pois a arte tem outro aspecto além da beleza, o qual, em vez de ajudar, pode vir a desviar o olhar, despertar outras paixões senão aquelas contrárias às virtudes ou pode tornar-se meramente abstrata à experiência. Um dos grandes entraves hoje no estudo da arte sacra seria o aspecto moral e artístico que o barroco trouxe para os fiéis daquela época e que, hoje, estudiosos buscam outras formas de não utilizarem esse estilo, mas outras linguagens que possam exprimir a “arte sacra vigente” segundo as normas e diretrizes do Concílio Vaticano II. Assim, nota-se que “a linguagem do sagrado é simbólica (símbolos/sinais). (...) Somente os símbolos formam uma linguagem universal. A natureza é a primeira manifestação

⁵ PASTRO, C., O Deus da beleza, p. 57-58.

⁶ PASTRO, C., O Deus da beleza, p. 20.

do sagrado, mas ela não é o sagrado. Há outras revelações do sagrado ao longo da história da salvação e da história das religiões.”⁷

Não que o Concílio Vaticano II veto o uso da arte sacra dos antigos estilos artísticos, mas é necessário atualizar os conceitos e as formas de expressar o sagrado para que o homem atual possa fazer uma real e profunda experiência com os elementos de hoje e que são dispostos de forma pensada e planejada sob o documento *Sacrosanctum Concilium*,⁸ sobre a reforma litúrgica. Outro aspecto importante dentro deste universo da arte da arquitetura religiosa, seria a prospecção de ambientes sacros que procurem transmitir um Deus mais encarnado ao invés de uma “entidade” racional ou espiritual. Para tal compreensão, muitas vezes equivocada acerca da beleza e do sagrado, Odo Casel ressalta: “A forma nos revela a natureza das coisas”.

Aqui pode notar que o homem, durante a sua trajetória de vida e inserido dentro de um contexto social, político e econômico, quicá se pode dizer histórico, religioso e artístico, busca por meio dos elementos simbólicos uma conexão direta com o Criador, não por alusão apenas ou por abstração, mas por algo tangível e de carne e osso e que remeta ao infinito. Isto é, que lhe possa levar ao desejo de pretender algo que comunique, expresse e remeta à beleza. Ou seja, uma comunicação para exprimir a sua fé e que o conduza ao belo. Segundo Pastro,

O direito à beleza gera o direito à festa, à celebração. (...) Festa, celebração, é o momento para elevar-se acima do corriqueiro, do cotidiano, para renovar-se e melhor capacitar-se para enfrentá-lo. Celebrar é elevar-se, estar acima, é antecipar o fim, é viver na plenitude do prometido, é recuperar-se, ser íntegro para suportar o caminho no deserto, “é viver da esperança que não engana”. A celebração é a causa da beleza.⁹

De tal modo, a beleza não limita ao homem acessar a esfera daquilo que representa o divino, ao contrário, ela possibilita que esse homem, no caso, o homem como ser religioso, seja capaz de sentir Deus,¹⁰ e tal fator exprime um

⁷ PASTRO, C., O Deus da beleza, p. 15.

⁸ Constituição “*Sacrosanctum Concilium*”. Sobre a Sagrada Liturgia, documento pontifício do Concílio Vaticano II.

⁹ PASTRO, C., O Deus da beleza, p. 20.

¹⁰ “O desejo de Deus é um sentimento inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus. Deus não cessa de atrair o homem para Si e só em Deus é que o homem encontra a verdade e a felicidade que procura sem descanso: “A razão mais sublime da dignidade humana consiste na sua vocação à comunhão com Deus. Desde o começo da sua existência, o homem é convidado a dialogar com Deus: pois se existe, é só porque,

fato religioso que remete sempre à beleza e, ao mesmo tempo, apresenta o homem como um ser religioso.¹¹ Com isso, percebe-se que a busca do homem, no que tange à estética, não se baseia apenas em algo efêmero e de aspecto plástico, mas, para o encontro com o eterno, requer um itinerário que não fira ou afaste a atração pelo belo e pelo transcendental,¹² mas, ao mesmo tempo, possa servir de sinal para que a teofania do sagrado se manifeste. Tanto é que: “No cristianismo, o Totalmente sagrado é revelado em Jesus Cristo, o Filho, o Verbo do Pai: “Ele é a imagem visível do Deus invisível”” (CI 1,15).¹³

Após o caminho, nota-se que o interlocutor tenha em vista não somente o trajeto da iluminação ou da purificação, como se nota no catecúmeno, mas é necessário e de suma importância a todos que dedicam ao estudo da arte o desejo de se aprofundar em algo que muitas vezes se encontra naquilo que é oculto. Embora o artista sacro procure de todo modo transcrever o sagrado do jeito da Igreja, enquanto esta, por sua vez, pretende transmitir a Revelação por meio da arte de pregar, de celebrar e de reunir todos em torno do altar.

Desta forma, então, é necessário observar que os elementos que adentram a realidade humana, dentro de uma perspectiva mais essencial, tendo em vista o ato de transmitir um dado de fé que, no caso, o espaço celebrativo, vem proporcionar a todos essa ligação com Deus, estabelecendo uma conexão profunda e verdadeira. Daí a necessidade de se colocar a escuta e a busca do sagrado, não por interesse próprio ou ao bel prazer, trazendo muito a sua perspectiva como artista, uma vez que se sabe que a beleza está ligada intrinsecamente a sua vocação, uma vez que o mistério sempre vai causar no homem essa incerteza de entendimento, mas que, mesmo assim, ele adere.

Pelo seu nascimento entre os seres humanos e pelo Mistério Pascal (paixão, morte e ressurreição), o Cristo restabelece ao ser humano a beleza desfigurada pelo pecado e o ser humano recupera o direito de reproduzir aquilo que é: “imagem e semelhança de Deus”. (...) “O Verbo... tendo restabelecido a imagem, manchada na sua original dignidade, a uniu à beleza divina”. (...) A redenção

criado por Deus por amor, é por Ele, e por amor, constantemente conservado: nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e não se entregar ao seu Criador.” CEC 27.

¹¹ “Em sua história, e até os dias de hoje, os homens têm expressado sua busca de Deus de múltiplas maneiras, por meio de suas crenças e de seus comportamentos religiosos (orações, sacrifícios, cultos, meditações etc.)”. CEC 28.

¹² PASTRO, C., O Deus da beleza, p. 12.

¹³ PASTRO, C., O Deus da beleza, p. 57.

formou um povo novo, participante da beleza do Senhor, pois só ele realiza “belas obras”.¹⁴

O princípio de arte sacra é o que dá sentido à arte em geral,¹⁵ e é algo tão sagrado à arte que nem precisaria de intérpretes ou elucubrações, haja vista que, para tal nível, é necessário se despir diante do belo e contemplar. Neste caso, trazendo para a realidade sacramental, nota-se que alguns elementos apresentados no ritual do batismo vão além do próprio rito, mas trazem aspectos essenciais que evidenciem a imersão da criança/adulto nas águas para que este símbolo gere uma linguagem simbólica e catequética.

É por isso que os sacramentos são “carregados” de elementos simbólicos para que, aqueles que desconhecem a fé e os efeitos dos sacramentos, possam ser inseridos a tal mistério e estabeleçam um diálogo, quicá por meio deste caminho mistagógico possa comunicar a salvação. Tanto é que “a liturgia é o cofre precioso dessa antiga e profunda consciência, que marca a experiência mais elementar da existência humana e cristã.”¹⁶

Destarte, nota-se que toda a composição do espaço e dos elementos essenciais dos ritos, como os paramentos do sacerdote, trazem aspectos estéticos que simbolizam a própria arte sacra e, se assim o for, pode-se confirmar que: “a arte tem sido um espaço para o sagrado, e o sagrado a renova e a mantém. Quando a arte se torna um produto de consumo, de interesses, está fadada a definhar. Porém, em sua raiz a palavra tem outro significado: *ars, artis* = serviço, função.”¹⁷ Por fim, uma vez que o interlocutor, o pesquisador, o amante da arte e o catecúmeno/neófito são inseridos num espaço que contém símbolos, ícones e imagens, são, de modo indireto, verdadeiros contempladores da beleza e anunciadores da salvação. E, se assim forem, a arte cumpriu a sua função, isto é, serviu ao homem o modo, a maneira de tocar no Intangível.

2. O itinerário mistagógico

Quando se pensa em um itinerário mistagógico, a primeira coisa que vem à mente são duas realidades inerentes ao trabalho pastoral de uma Igreja cujo objetivo é evangelizar. É assim que se observa na Catequese, hoje chamada de Iniciação Cristã e, no outro olhar, a Pastoral do Batismo. Essas pastorais iniciam

¹⁴ PASTRO, C., O Deus da beleza, p. 25.

¹⁵ PASTRO, C., O Deus da beleza, p. 15-16.

¹⁶ GRILLO, A., Ritos que educam, p. 37.

¹⁷ PASTRO, C., O Deus da beleza, p. 15.

as pessoas no grande mistério da vida cristã e, ao mesmo tempo, carregam em si atributos e símbolos que enriquecem os ritos e rituais, mas que mostram ser necessário ter alguém que possa indicar o caminho e como prosseguir.

Esse caminho iniciado por um pesquisador ou por um catecúmeno, que adentra pela primeira vez em um espaço religioso, esbarra imediatamente no desconhecido. E, por mais que sejam tão óbvias algumas representações, este neófito não deixa de estabelecer relações até o ponto em que alguém o insira no grande mistério, o qual, por meio de imagens, iconografias e símbolos, têm a capacidade de representar Deus e toda a sua “corte celeste”. Este passo é importante não somente no aspecto propedêutico, pois ocorre para que o neófito ou o catecúmeno sejam feridos pela beleza, bondade e verdade. No caso daquele que pretende ser inserido no mistério do sacramento é necessário o consentimento, além do desejo de prosseguir os passos, mesmo com as intempéries e provações, conforme está descrito e narrado na Sagrada Escritura, daqueles que tomam a cruz de Cristo e o seguem. O batismo é a porta de entrada para os demais sacramentos e é, também, por ele que o neófito insere ao seu desejo a razão de participar do mistério da Igreja e, na maneira pela qual prossegue sua caminhada, vai edificando o seu caráter segundo a graça de Deus para a santidade. Assim, todo esse aspecto catequético é acompanhado por símbolos que facilitam o entendimento e a forma de aderir à fé por meio da figura do sacerdote e do rito dentro da celebração.¹⁸

Por isso, a Igreja anuncia a salvação aos que não creem, para que todos os homens reconheçam a Deus, o verdadeiro, e seu enviado, Jesus Cristo, convertam-se e façam penitência. Já aos que creem, deve pregar a fé e a penitência, administrar os sacramentos, ensinar a observar tudo o que Cristo ordenou, estimular a prática da caridade, da piedade e do apostolado, que mostram que os fiéis não são deste mundo, mas estão aqui como luz do mundo, para glorificar ao Pai diante dos homens”.¹⁹

A necessidade de fazer o caminho mistagógico tem muito a ver com o anúncio do Reino, como se notava nas primeiras comunidades cristãs. Essas comunidades eram compostas por homens e mulheres que testemunhavam com alegria o Evangelho, de modo que todos sentiam uma atmosfera diversa das outras religiões. O cristianismo não nasce com arte e edifícios majestosos, uma

¹⁸ “Celebrar é agir sob a forma ritual. A celebração litúrgica, portanto, é constituída por ritos, que são sua linguagem própria”. AUGÉ, M., Liturgia, p. 94.

¹⁹ SC 9.

vez que, no início, os cristãos se encontravam nas casas das famílias, nas catacumbas e no próprio templo, no caso daqueles que residiam em Jerusalém. Aos poucos, os cristãos foram crescendo em número e os edifícios sagrados foram sendo projetados para receberem os programas ou projetos iconográficos. Na medida em que os edifícios religiosos se expandiam, a catequese era necessária para que todos fossem inseridos no mistério salvífico.

Por conseguinte, a Igreja nada tem de mais importante e de mais próprio do que despertar em todos, catecúmenos, pais, ou padrinhos dos batizando aquela fé verdadeira e ativa, pela qual dando sua adesão a Cristo, iniciam ou confirmam o pacto da nova aliança. Para essa finalidade ou meta dever ser orientada a instrução pastoral dos catecúmenos, a preparação dos pais, a celebração da Palavra de Deus e a profissão de fé baptismal.²⁰

E o que a arte tem com isso? Ela existe senão para que seja objetiva, subjetiva e reflexiva, entre outras significações, mas a que satisfaz neste contexto, pois é a arte que visa eternizar o aspecto social do homem com a realidade celeste para que os cristãos e os catecúmenos, embora os pagãos também tivessem conhecimento, tenham o encontro com o infinito, isto é, com o próprio Cristo.

Este dado nem o artista e muito menos quem o contratou tinham em mente, pois a ação evangelizadora perpassa pela realidade frágil do homem, que carece da bondade, da verdade e da beleza. Tantos são esses sentimentos que causam hoje nessa sociedade uma crise de fé com o indiferentismo, que nem a beleza seria capaz de sanar. Como aponta Cláudio Pasto: “a beleza é sinal de “outra coisa” além do imediato”.²¹

Por isso, a beleza é capaz de seduzir e trazer uma satisfação para o homem, de modo que a sua existência possa retomar o vigor e, dessa experiência, possa transmitir efeitos e dar bons frutos ao longo do caminho de fé. De início, o caminho é um pouco árduo devido ao fato de que nem todas as pessoas compreendem os passos a serem dados, mas o modo pelo qual progride e passa pelos ritos purificatórios e iluminativos, os neófitos permanecem na Igreja devido à adesão a uma pessoa, e não por uma ideia, isto é, “para que um objeto torne-se obra de simbolização é necessário que se lhe deem existência e

²⁰ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, Sacramentário, n. 3.

²¹ PASTRO, C., O Deus da beleza, p. 12.

consistência em um conjunto cujo deslocamento, ostentação, gestos e palavras que o acompanhem lhe confirmam um novo sentido”.²²

Os catequistas têm o papel primordial de inserirem, acompanharem e de tornarem exemplo de vida essas pessoas até o dia do batismo, no qual serão testemunhas do processo de conversão.²³ Desta forma, o catecúmeno ou o pagão, uma vez inserido neste mistério, no caso, o espaço celebrativo, deve fazer a experiência de se sentir parte desta totalidade que engloba a salvação e o caminhar da comunidade no seu sentido real e, ao mesmo tempo, diante do sagrado, não teria como não se comover devido a um chamado, uma vez que: “a beleza não é um produto do ser humano; está tão acima dele! Ela o atrai, o seduz e, assim, o ser humano não vive sem ela”.²⁴

A necessidade de educar os fiéis, sejam eles leigos engajados, neófitos ou catecúmenos e aos outros, é uma missão que não cabe somente ao sacerdote, mas a todo cristão batizado, o qual, uma vez inserido no mistério, deve testemunhar o que professa, isto é, tem que ter um sentido, uma necessidade e aderir à realidade do sacramento, tanto que: “o sentido e a graça do sacramento do Batismo aparecem claramente nos ritos da sua celebração. Seguindo, com participação atenta, os gestos e as palavras desta celebração, os fiéis são iniciados nas riquezas que este sacramento significa e realiza em cada novo batizado.”²⁵

A pessoa, uma vez inserida no mistério, deve estar convicta de que a sua conversão seja por inteiro e não por partes, ou muito menos por conveniência, dando assim mais ênfase a esse papel de introdutório na vida daqueles que vão ser inserido tanto no sacramento quanto na vida eclesial por meio dos ritos e rituais. Ao mesmo tempo, imprime também uma marca na pessoa que a torna filho de Deus e integrante do Reino, mas é necessário que: “o rito deve se caracterizar por uma nobre simplicidade, ser claro e breve, evitar as repetições, estar ao alcance dos fiéis e não necessitar de muitas explicações”²⁶ e “a arte tem sido um espaço para o sagrado e o sagrado a renova e a mantém. Quando a arte se torna um produto de consumo, de interesses, está fadada a definhir. Porém, em sua raiz a palavra tem outro significado: *ars, artis* = serviço, função”.²⁷

²² CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA., A arte de celebrar, p. 184.

²³ “Sem se confundir com eles, a catequese articula-se com um certo número de elementos da missão pastoral da Igreja que têm um aspecto catequético, preparam para a catequese ou dela derivam: o primeiro anúncio do Evangelho ou pregação missionária, para suscitar a fé; a busca das razões de acreditar; a experiência da vida cristã; a celebração dos sacramentos; a integração na comunidade eclesial; o testemunho apostólico e missionário”. CEC 6.

²⁴ PASTRO, C., O Deus da beleza, p. 13.

²⁵ CEC 1234.

²⁶ SC 34.

²⁷ PASTRO, C., O Deus da beleza, p. 15.

3. O espaço mistagógico celebrativo como lugar teológico

A respeito da simbologia da liturgia e de sua mistagogia, como foi proposto nos capítulos anteriores, pode-se notar que esse itinerário tem uma forte ligação entre a arte, a fé e os símbolos, uma vez que são todos diversos e, ao mesmo tempo, cooperam-se em vista do mistério salvífico. A liturgia tem o seu papel primordial neste processo preparatório do catecúmeno para que este possa vivenciar cada passo, de modo que o rito o eduque e o faça se aproximar do sagrado, inserido num espaço celebrativo.

O espaço celebrativo contém vários elementos artísticos e que contam com o acervo muito vasto da Igreja em relação à arte. Este acervo é composto de obras que na sua tipologia é descrita como sacro, litúrgico, iconográfico ou religioso que, dentre gerações e séculos, foram encomendadas pelos padres, bispos e irmandades para que, por meio destas obras, fossem transmitidas a verdade, o dogma e a beleza de Deus. Embora tais nomenclaturas e divisões sejam necessárias para que as épocas sejam assinaladas, é interessante notar que, para cada tempo, a arte tem então, por obrigação, dar um juízo de valor, além de transmitir a Palavra e o amor de Deus pelo caminho do belo e da bondade.

No que se refere ao ser tocado pelo sagrado, nota-se que fazem parte do ritual alguns elementos que aguçam os sentidos a ponto de acentuar, como já foi mencionado, o que a atração pela beleza faz com que o desejo de permanecer se torne real e carnal. A música que acompanha o rito tem o seu papel tanto como o artista sacro que projetou e compôs o espaço celebrativo, cujo empenho esteja conectado entre a simbologia das formas e os símbolos cristãos.

O transparecer do artista tende a trazer o sagrado para a forma material em vista que tanto ele quanto outros possam adentrar no mistério, que é sempre atual, de modo que ele não fira a arte ou a exalte, pois a beleza estética não pode ser maior que o significado e a presença do símbolo, que serve para educar, uma vez que este não necessita de interpretações e explicações.

Insistia que a função de um artista sacro é, com muita responsabilidade, ser um mistagogo, ou seja, levar primeiramente a si mesmo e, depois, os demais para o paraíso. Paraíso que, nas palavras de Pastro, acontece a cada celebração litúrgica, quando o céu desce à terra, antecipando a Jerusalém Celeste, e é para isso que ele prepara o espaço sagrado.²⁸

Além dos elementos conceituais da arte e da teologia, nota-se que alguns embasamentos teóricos estão interligados à narrativa bíblica, e que tais elementos

²⁸ TOMMASO, W. S., A arte como expressão do sagrado, p. 302.

são necessários para dar legitimidade e, ao mesmo tempo, conferir os dados históricos. Neste caso, percebe-se que pode extrair os conceitos próprios da linguagem batismal, não somente do aspecto simbólico da água, conforme é descrito, mas se nota que há outros elementos simbólicos pouco explorados como, por exemplo: a vela acesa, que simboliza a luz de Cristo, o sal para dar temperança, os óleos extraídos da oliveira, seja o do batismo ou da crisma e a assembleia reunida em torno do neófito, simbolizando toda a Igreja, o Corpo místico de Cristo, do qual somos membros. “Nós somos muitos e formamos um só corpo em Cristo, sendo membros uns dos outros” (Rm 12,5).

Neste caso específico, de forma breve, a explicitação acerca do batismo com três visões, diversas e, ao mesmo tempo, apesar da distinção, elas se complementam. Desta forma, a abordagem simbólica se compraz de elementos litúrgicos que iniciam o catecúmeno numa vivência maior da experiência batismal e eclesial. Como se nota que: “o lugar celebrativo dos cristãos é um espaço mistagógico, onde aprendemos continuamente a ser cristãos (educação da fé) – é a Palavra, oração objetiva que filtra a nossa mente e nosso coração e limpa o nosso subjetivismo psicológico”.²⁹

Como podemos ver na Apologia de Justino de Roma, a questão batismo encontrada nos números 61, 62, 65, 66 e 67, constata-se que as práticas religiosas que antecedem o sacramento têm algo de caráter penitencial e, ao mesmo tempo, escatológico, já que visa à salvação daquela alma e ao bem espiritual que lhe fará. Na Didaqué se afirma que as orações e o jejum são necessários, mas somente nas sextas-feiras que antecedem o sacramento, uma vez que isso implica não somente na vida do catecúmeno, mas na comunidade como um todo.

Não existe festa sem que tenha havido um bom tempo gasto na preparação para que ela aconteça com toda a sua força. Com certeza, preparar uma celebração não é questão dispensável aos cristãos. Faz parte do processo de qualquer celebração, culto, oração de qualquer religião, de qualquer cultura.³⁰

Além do catecúmeno, que no rito antigo tinha que fazer jejum para adentrar ao mistério, hoje, com a evolução da forma para realizar o sacramento, não se descarta a ideia de que a comunidade assista este novo membro da Igreja para que seja de fato um autêntico cristão. Tanto que, para isso, o papel do mistagogo é de fornecer ferramentas para que o neófito, após o batismo, possa de fato celebrar a sua vida inserida no ambiente celebrativo com festa e, ao mesmo tempo, possa

²⁹ PASTRO, C., O Deus da beleza, p. 65.

³⁰ BARONTO, L. E. P., Preparando passo a passo a celebração, p. 7.

encontrar, dentro desta experiência, o lugar teológico do perdão, do amor e da fraternidade, de modo que todos possam celebrar a vida de Cristo por meio do rito.

O rito é para a liturgia aquilo que a letra é para as Escrituras. Por isso, a liturgia, como as Escrituras, exige uma compreensão espiritual, uma penetração em profundidade. Quanto mais lemos os textos mistagógicos, mais nos damos conta de como a mistagogia não era para os Padres uma simples iniciação à liturgia, antes, a partir da liturgia, uma compreensão do mistério, do único mistério contido nas Escrituras e celebrado na liturgia: o mistério de Cristo.³¹

Tal procedimento mistagógico outrora permitia que os cristãos fossem acolhidos somente fora do templo enquanto não fossem batizados. E, na evolução do sacramento, percebe-se que a forma como se ministravam os ritos iniciais era totalmente do lado de fora da igreja. Hoje em dia este aspecto mistagógico tem outras conotações e foram sendo transitados em diversas áreas das igrejas até que fossem inseridas no espaço celebrativo, isto é, próximo ao altar, e ali se tornou o seu lugar teológico, ao qual o catecúmeno, junto do celebrante, passa a ser o símbolo da transmissão de fé conforme aponta o Ritual de Bênçãos n. 832:

Entre as partes mais importantes da Igreja, destaca-se com razão o batistério, isto é, o lugar onde está colocada a fonte batismal. Aí celebra-se o batismo, primeiro sacramento da nova Aliança, pelo qual os homens, seguindo a Cristo na fé e recebendo o Espírito de adoção de filhos, são chamados, e são de fato, filhos de Deus; assemelhados à morte e à ressurreição de Cristo, são inseridos em seu Corpo; recebendo a unção do Espírito, transformam-se em templo santo de Deus, em membros da Igreja, raça eleita, sacerdócio régio, nação santa o povo da sua propriedade.³²

O espaço litúrgico demonstrado pode evidenciar outro elemento importante do rito, já que, sem ela, não haveria o sacramento do batismo, ou seja, a água, que outrora era utilizada como sinal de bênçãos para o povo. É por ela, o elemento simbólico natural, que deve ser corrente, se possível, esteja ela de forma acessível para o ministro fazer trazer o catecúmeno para a sua purificação e a unção dos santos óleos. Assim, nota-se que: “a Igreja aceita e admite as duas formas de celebração, por imersão e infusão, mas a primeira mostra mais claramente a participação na morte e ressurreição de Cristo.”³³

³¹ BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 27.

³² CNBB, Doc.106, 34.

³³ CNBB, Doc. 106, 37.

Neste caso, deve-se perceber de tal forma que o espaço celebrativo onde o sacramento do batismo vai ser ministrado possa corresponder à celebração comunitária, pois é dela que se tem a memória permanente de que Cristo é a fonte da vida eterna e, ao mesmo tempo, o sacramento do batismo, a porta de entrada para os outros sacramentos.

A celebração do batismo é uma celebração comunitária, porta de entrada para a vida eclesial. Portanto, em cada igreja paroquial terá uma fonte batismal, cujo significado ultrapassa a celebração do sacramento: é memória permanente do batismo. O cuidado com a forma e a disposição da fonte batismal no espaço da Igreja expressem seu significado.³⁴

E, por fim, a questão simbólica da pia batismal ou piscina depende da disposição do espaço, mas que o sacerdote possa catequizar a todos de forma que faça um permanente “reviver” a respeito da importância do batismo, seja pelos elementos iconográficos, como a água, o João Batista, a pomba representando o Espírito Santo e o Cristo recebendo o batismo, havendo a necessidade de um espaço específico. A tal empreendimento se nota que: “igualmente, o batistério será um espaço à parte: uma bela capela ou sala junto ao adro ou na entrada da nave principal. Jamais no presbitério. (...)”³⁵ e “o lugar do batismo deve ser planejado, considerando seu caráter comunitário e as diferentes partes da ação litúrgica que não são realizadas todas no mesmo lugar”³⁶.

Conclusão

A proposta deste artigo vem ao encontro dos anseios do trabalho pastoral em torno da iniciação cristã, em específico, o batismo. Por ser a porta de entrada para o mistério da Igreja, deveria ter um compromisso maior em relação à catequese dos familiares que participam, como de todos aqueles que já foram batizados, para que possam ser eles os agentes propagadores da fé. Diante do indiferentismo religioso e a apatia religiosa do povo em relação ao trato humano, seria necessário ter esse novo encanto pelas coisas sagradas.

A análise proposta seria alguns apontamentos em relação à ação pastoral em vista da explanação da ação simbólica e mistagógica que o batismo transmite por meio de seus símbolos e sua ação eficaz em relação ao fiel converso ou ao fiel que, distante da Igreja,

³⁴ CNBB, Doc.106, 35.

³⁵ PASTRO, C., O Deus da beleza, p. 107-108.

³⁶ CNBB, Doc.106, 36.

retorna e pode reviver essa experiência de ser batizado. A exposição dos elementos propostos sobre o batismo e a mistagogia demonstra que ambos podem vir a produzir um itinerário próprio que vise como caminho propedêutico para aqueles que buscam aderir a Cristo.

Esses pensamentos e reflexões vindas de livros do artista sacro Cláudio Pastro trouxeram um *aggiornamento* para a catequese do batismo enquanto sacramento, mas ele não se esqueceu de trazer à luz a beleza dentro do espaço litúrgico. A questão abordada foi a mistagogia em vista da comunicação mais efetiva entre os símbolos e o espaço sacro, já que ambas as situações compõem uma verdadeira catequese a todos.

Com isso, é necessário, neste aspecto, atentar para as diretrizes que os documentos da Igreja, como o *Sancrosanctum Concilium* quanto a outros documentos que têm por finalidade educar a todos que trabalham com arte, espaço e música sacra numa estética teológica capaz de transmitir a beleza. O ponto de reflexão proposto no artigo tem um quê de trazer a discussão tanto para os artistas quanto para os arquitetos que lidam com o sagrado, mas que seja real e necessário para os dias atuais, como, por exemplo, o retorno da estética cristã da era da patrística, devido ao fato que: “se a estética cristã dos últimos séculos se apoiava no crucificado, “o servo sofredor”, nos dogmas relativos à Imaculada, nos santos como ápice e modelo dos cristãos, agora o Senhor mesmo é o Pantocrator, cabeça da Igreja, sinal de vida para o mundo, como era no primeiro milênio.”³⁷

Essa nova perspectiva toca o olhar e o entendimento daqueles que não fazem mais a experiência do transcendental, pois custa muito a estes compreenderem a encarnação do Verbo, embora a sutileza do Deus invisível³⁸ na materialidade de uma escultura como a Pietà, de uma peça de música sacra ou de ícones, é notório que a comoção é imediata.

E se for trazer a discussão acerca da liturgia como parte integrante deste espaço celebrativo, que é, ao mesmo tempo, lugar teológico, lugar de encontro da assembleia, dos pecadores que buscam o olhar do sagrado, há de concordar com o monge Odo Casel, que contribuiu muito na reflexão da liturgia e, desta forma, ele dizia: “é preciso voltar às fontes da salvação, pois pelo Mistério de Deus é que o mundo reviverá. É nesse Mistério que o sopro da vida divina passa e age. É nesse Mistério que corre o sangue de Cristo para curar e santificar, para resgatar e transfigurar o mundo”.³⁹

³⁷ PASTRO, C., *Arte Sacra*, p. 14.

³⁸ “O qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor; Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a saber, a remissão dos pecados; O qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por ele e para ele. (Cl 1,13-16.20).

³⁹ CASEL, O., *O mistério do culto no cristianismo*, p. 20.



A arte sacra tem o seu valor e a sua contribuição dentro da comunicação do sagrado, difundindo sempre a beleza da celebração e do rito, seja ele qual for. No caso específico, o batismo, os seus símbolos, a cada gesto e a cada oração, transmitindo ao catecúmeno, se por ventura for adulto, uma verdadeira catequese transcendental. Os artistas que compreendem de fato o valor simbólico de cada ação ritual e sua finalidade são capazes de transmitir, não somente o belo, mas o Deus invisível que o artista Cláudio Pastro demonstrou em seus estudos, reflexões e obras dentro das igrejas, santuários e basílicas, em vista do encontro com o Outro.⁴⁰ Como diria ele a respeito disso: “a beleza é sinal de “outra coisa” além do imediato.”⁴¹

Referências bibliográficas

AUGÉ, M. **Liturgia**: história, celebração, teologia e espiritualidade. São Paulo: Ave-Maria, 1996.

BARONTO, L. E. P. **Preparando passo a passo a celebração**. Um método para as equipes de celebração das comunidades. São Paulo: Paulus, 1997.

BOSELLI, G. **O sentido espiritual da liturgia**. Brasília: Edições CNBB, 2021.

BECKHÄUSER, A. **Símbolos Litúrgicos**. Petrópolis: Vozes, 1976.

CASEL, O. **O mistério do culto no cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2009.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulus/ Paulina/ Loyola; Embu: Editora Ave-Maria; Brasília: Edições CNBB, 2017.

CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA. **A arte de celebrar**: guia pastoral Brasília: Edições CNBB, 2015. v.3.

CNBB. **Orientações para projeto e construção de Igrejas e disposição do Espaço Celebrativo**. Brasília: Edições CNBB, 2013. (Doc. 106).

PAULO VI, PAPA. **Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2011.

DIDAQUÉ: o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje. São Paulo: Paulus, 2019.

GRILLO, A. **Ritos que educam**: os sete sacramentos. Brasília: Edições CNBB, 2017.

⁴⁰ “Além das coisas visíveis existem as invisíveis. Esse sentimento é diferente de “fantasia e imaginação” que “o meu mundo cria”. É a presença de Um Totalmente Outro que dá a substância às coisas criadas. PASTRO, C., O espaço sagrado hoje, p. 52.

⁴¹ PASTRO, C., O Deus da beleza, p. 12.



PASTRO, C. **Arte Sacra**. São Paulo: Paulinas, 2001.

PASTRO, C. **Arte Sacra**: o espaço sagrado hoje. São Paulo: Loyola, 1993.

PASTRO, C. **O Deus da beleza**: a educação através da beleza. São Paulo: Paulinas, 2008.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Sacramentário**. São Paulo: Paulus, 2003.

TOMMASO, W. S. de. A arte como expressão do sagrado: uma meditação sobre liturgia e arte sacra. **Teoliterária**, v.9, n.19, p. 279-309, dez. 2019.

TOMMASO, W. S. de. Cláudio Pastro: um artista pós Vaticano II. **Ciberteologia** – Revista de Teologia & Cultura. Ano XIII, n.54. abr./jun. 2017. Disponível em: <https://ciberteologia.com.br/images/edicoes/pdf/edicao_20200712140759.pdf>. Acesso e: 28 nov. 2022.

TOMMASO, W. S. de. **O Pantocrator de Claudio Pastro**: Importância e atualidade. São Paulo, 2013. 306p. Dissertação. Faculdade Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Fernandes Elias Junior

Graduando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: stilumbarrocum@gmail.com

Recebido:19/08/22

Aprovado:13/12/22